

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

Brenda Aparecida de Souza Ferreira

O Conceito de Trabalho em Karl Marx

Uberlândia

2020

BRENDA APARECIDA DE SOUZA FERREIRA

O Conceito de Trabalho em Karl Marx

Monografia apresentada junto ao curso de Filosofia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciatura.

Orientador: Prof.º Dr. José Benedito de Almeida Júnior

Uberlândia

2020

Resumo

Para conseguirmos mudar a realidade que nos desagrada, primeiramente devemos compreendê-la, para isso, deve-se observar as relações empíricas que são construídas ao longo dos anos formando a consciência e o estilo de vida humano, mas apesar de utilizar-se das mesmas vias para fundamentar-se, isto é o trabalho, os modos de organizações das sociedades são diferentes dependendo do território e tempo histórico. A alienação do trabalho alimenta o sistema capitalista que, por sua vez, mantém instituições que os viabiliza, como é o caso da educação. Entender o modo como o trabalho se engendra e forma a consciência, permite diferenciar os tipos de educação, seja libertadora ou alienante, que estamos recebendo, só assim será possível mudar nossas condições de vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS E A PARA A ORGANIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA	8
CAPÍTULO 2 – A RELEVÂNCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E SISTEMATIZAÇÃO DA LINGUAGEM	21
CAPÍTULO 3 – A INFLUÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DA PRÁXIS PARA SUPERAR A LUTA DE CLASSES E EXTINGUIR A ALIENAÇÃO PELA PERSPECTIVA DO VIÉS EDUCACIONAL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS:	45

INTRODUÇÃO

O filósofo, sociólogo e industrial alemão Friedrich Engels, nasceu em Barmen, norte da Alemanha em 1820, veio a falecer em Londres, Inglaterra no ano de 1895. Engels foi um reconhecido teórico revolucionário alemão, que em parceria do filósofo Karl Marx, produziram importantes obras filosóficas e sociológicas que se tornaram bastantes significativas para a sociedade contemporânea, com destaque para o *Manifesto do Partido Comunista* de 1848.

A parceria de Engels com Marx cunhou ideais reconhecidos até os tempos atuais, como foi exteriorizado na marcante frase: “A história da humanidade é a história da luta de classes”. Abalado com a escassez e as péssimas instalações dos operários das fábricas do seu tempo, Engels organizou um árduo estudo sobre as vigentes circunstâncias da classe operária na Inglaterra, desse modo simpatizou com ideias de esquerda, onde se alia a Karl Marx. O companheiro de Engels, Karl Marx nasceu em Tréveris Alemanha, em 1818 e veio a falecer já em Londres, Inglaterra, no ano de 1883. Concluiu seu doutorado em filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro. Considerado como um pensador revolucionário e político ficou conhecido como fundador da doutrina comunista moderna. Suas obras se relacionam com áreas como a Filosofia, Sociologia, Economia, Direito, História, Geografia, entre outras.

A potência que as obras de Marx e Engels exerce sobre a realidade presente me instigou a analisar o motivo pelo qual, mesmo depois de todas as considerações a respeito da forte influência da alienação sobre nossas vidas apresentado por Marx, ainda estamos imersos no ciclo vicioso que gira em busca de lucro excessivamente. Buscar uma reflexão no princípio do desenvolvimento social humana pode abrir possibilidades para a compreensão da estagnação humana na evidente divisão de classes em que o mundo sempre esteve imergido sobre o poder da classe dominante.

Após anos da sua publicação original, a obra de Marx e Engels, causa incomodo, seja pela sua radical proposta de mudança, seja pela sua consideração sobre a realidade de fato, os filósofos não se inspiraram em teorias metafísicas para construir suas reflexões sobre o mundo, mas partiram do empírico, de pressupostos reais, para entender questões reais, e assim desmembraram as estruturas ideológicas que sustentam a sociedade. Para além disso, propuseram um fim-último a nossa razão; ser capaz de nos diferenciar dos demais seres naturais vivos e, partir disso, remodelar a nossa consciência, com o propósito de servir o bem estar de todos. Temos o poder da razão

justamente para podermos proporcionar um bem comum, uma sociedade justa e igualitária, que seja acessível a todos.

Mesmo com aspirações tão benéficas a toda a sociedade, a teoria comunista de Marx e Engels enfrentou e enfrenta muitas críticas, erros de aplicação e interpretação, entre outros fatores que geram instabilidade na possibilidade de concretude da teoria. No entanto, nada disso desconsidera o valor que o objetivo dessa teoria tem para o bem e a continuidade da espécie humana. Por esse motivo, uma reflexão acerca dos moldes que estruturam a vida humana, como trabalho e a consciência, será importante para entendermos as raízes da alienação e as dificuldades em enfrentar as condições de servidão capitalista atual.

No presente trabalho será analisado todos os pressupostos que levam a educação a ser um dos pontos fundamentais para alimentar a alienação capitalista em benefício do próprio sistema, para que assim possa possibilitar pensar em meios para superar tais fatores que reproduzem a ordem capitalista, para tanto, reflexões sobre o modo como a educação influencia diretamente na vida em sociedade são relevantes para entender a nossa realidade. Pois isso, a presente monografia possibilita pensar o Trabalho como primeiro condutor da consciência humana, logo entender como a consciência é estruturada permite compreender o modo de vida e como modifica-lo para gerar benefícios a todos.

Pensar mais sobre o modo como a sociedade se formou mudou meu olhar sobre as relações sociais, muitas vezes pensamos que certas circunstâncias, atitudes e costumes são naturais dos seres humanos, e por isso não é possível modifica-los, porém quando entendemos que tudo não passa de uma construção humana compreendemos com mais facilidade as possibilidades de mudança, deixamos de lado o sentimentalismo de manter a tradição tal como é, pois sempre foi assim, para abrir espaço ao novo, ao diferente, o oposto do que se encontra no sistema vigente. Pensar no radical significa abandonar o antigo, romper por completo com o que antes não estava sendo eficaz; implementar as teorias comunistas é onde se encontra o impasse, pois a consciência social não se forma de um momento para outro, assim como um fato histórico, demora anos para se consolidar, logo querer que a sociedade mude seu modo de pensar, que foi lentamente construído pela raízes capitalistas, não é fácil, como podemos observar nas frustradas tentativas de consolidar o comunismo através da ditadura socialista.

O erro apontado encontra-se no fato que homens domesticados na educação capitalista não podem pensar na revolução comunista sem estar presos a alienação da

consciência, por esse motivo, suas revoluções são falhas e acabam tomando um rumo contrário do que foi proposto, que é a liberdade dos indivíduos. Por isso, o presente trabalho critica a educação forjada nos moldes capitalistas e aponta ela como um dos principais fatores de mudança para caminhar rumo aos ideais comunistas.

Para tanto, o trabalho está estruturado em 3 capítulos que se comunicam e interligam os assuntos que levam a compreensão do tema proposto. O primeiro capítulo apresenta uma reflexão histórica sobre a organização do Trabalho desde a sua origem e como foi modificando com o decorrer do tempo e formando a consciência. Também é exposto a influência direta que a natureza deve no desenvolvimento do trabalho humano e o modo como as relações sociais se formaram no decorrer histórico. No capítulo também é exposto alguns dos principais conceitos de Marx, a mercadoria; para organizar o pensamento a respeito da função social do trabalho em nossas vidas.

No segundo capítulo o conceito de linguagem em Marx é explorado para entender como ele contribui para a formação da consciência no processo histórico dialético. Para tanto, os conceitos de valor-de-uso, superestrutura e infraestrutura, ideologia são ressaltados para apresentar como as relações sociais que são estabelecidas na sociedade a partir do ponto de vista materialista. O modo como forma as relações de poder são pontuadas neste capítulo, onde é apresentado a crítica de Marx ao estado capitalista que serve segundo seus interesses e ideologias.

Já no terceiro capítulo, ressalva a organização da práxis para contribuir na superação da alienação, neste capítulo a educação é tratada como ponto chave para entender como a alienação se manifesta e como ela pode ser contida. Para tanto, é abordado críticas sobre os alemães idealistas, principalmente Hegel, para ajudar a compreender a formulação das teorias de Marx. O conceito de mercadoria é fortemente refletido neste capítulo, associando a alienação com a perda da liberdade, como também o poder que mais-valia tem sobre o trabalho humano e o modo que está organizada.

Para concluir, uma análise sobre a natureza é feita no capítulo um, no terceiro retomamos a ideia da importância desta para preservação da vida, para isso, tecemos uma crítica sobre a exploração inconsequente do capitalismo sobre a natureza e o modo como isso pode interferir negativamente nas nossas vidas. Já que a relação entre natureza e homem é bastante explorada nas argumentações do presente trabalho para entendermos o processo do materialismo histórico dialético que, como afirmava Marx, é o motor da história da humanidade.

CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS E A PARA A ORGANIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Se faz necessário uma compreensão mais detalhada do conceito de trabalho em Marx devido as diversas formas passíveis de interpretações válidas, de acordo com as circunstâncias empregadas. Devemos, em primeira instância, considerar o pressuposto de Marx que o trabalho é fruto da relação entre o homem e a natureza, desse modo, uma ação organizada do trabalho humano modifica a natureza. Para isso, utiliza-se do pensamento para alcançar meios de materializar o trabalho através de ferramentas e instrumentos, essa dinâmica entre a natureza e o humano é instável, e continua em constante transformação. À vista disso, Marx argumenta em seu livro *O capital*:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de quem participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria vida. (MARX, 2013, p. 202)

A partir disso, podemos considerar que todo esforço humano é estimulado a se movimentar conforme o instinto de sobrevivência, para tanto, dominava e modificava a natureza conforme suas necessidades. No primeiro contato entre o homem e a natureza preservará a condição pura de trabalho, a sua matéria mais natural. Para que seja possível assimilarmos o progresso da relação entre a natureza e o indivíduo pela formação do trabalho, devemos considerar todo o processo histórico. Em seu livro *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, Engels expõe análises a respeito do percurso histórico, e como ocorreu o desenvolvimento das faculdades humanas, através do árduo esforço humano pelo trabalho explorado na natureza bruta.

Segundo Engels, se apoiando às pesquisas de Darwin, apresenta observações sobre uma espécie que viveu longos anos atrás, e residia em um território com temperatura de clima quente, esses animais possuíam grande desenvolvimento encefálico em sua capacidade craniana, e contava com uma ampla visão estereoscópica,

conhecida como visão em 3D e com cores. (SOLER, 2009) Essa raça de macacos antropomorfos, consideravelmente desenvolvidos quando comparados a outros mamíferos, possuíam características como, o corpo coberto de pelo, residia em moradia nas árvores, se alimentavam de frutas, sementes e pequenos animais, se agrupavam em manadas e possuíam posição ereta. O corpo desses animais se adaptou a realidade presente, os dedos eram sensíveis e isso ajudava no manuseio de seu alimento.

Vale ressaltar o instinto presente nesses mamíferos, que se organizavam de maneira conjunta para garantir a sobrevivência através da segurança da união como comunidade. Logo, podemos considerar essa organização como um fator essencial para entendermos o seu despertar da consciência durante o processo evolutivo. Tais instintos de sobrevivência se manifestavam em inconscientes trabalhos menores no âmbito social pertencentes. Conseqüentemente, a relação que esses mamíferos desempenharam com a natureza e toda a sua manipulação evidencia a construção de si mesmo conscientemente.

O sociólogo John Bellamy Foster (1999 apud FOLADORI, 2001) reitera a teoria de “metabolismo social” desenvolvida por Marx, ao realçar a importância da modificação da natureza externa como consequência na mudança da natureza interna, essa concepção estrutura o materialismo histórico que será exposto com detalhes mais adiante. O professor Guillermo Foladori relembra claramente esse conceito em seu artigo O Metabolismo com a Natureza, como podemos ler a seguir:

Todo o método do materialismo histórico parte desse conceito. Marx entende por metabolismo social o processo por meio do qual a sociedade humana transforma a natureza externa e, ao fazê-lo, transforma sua natureza interna. A ação de transformar a natureza externa constitui o processo de trabalho, e seu efeito sobre a natureza interna se manifesta na forma como se estabelecem as relações sociais de produção. (FOLADORI, 2001, p.2)

A relação entre o humano e a natureza não é a única transformadora, a própria relação entre os indivíduos pertencentes a espécie é favorável ao aprimoramento das atividades que são realizadas. Em razão dessa relação, surgem exigências para facilitar e aprimorar essa dependência, para tanto, a linguagem se faz presente devido a necessidade de comunicação, que por sua vez, corresponde a organização da aglomeração entre os indivíduos no mesmo ambiente.

Assim sendo, a necessidade de conviver em grupo foi ampliada devido às adversidades presentes na própria natureza; o indivíduo, por mais que tenha suas qualidades relevantes, como será exposto mais adiante, não possui grandes atributos físicos. Sua condição o submete a preservar sua espécie por meio da convivência em grupo. Segundo o filósofo alemão Nietzsche (1844-1900), a necessidade foi responsável por firmar em comunidade, como é evidenciado a seguir:

O intelecto, enquanto meio de conservação do indivíduo, desenvolve o essencial de suas forças na dissimulação, pois esta é o meio de conservação dos indivíduos mais fracos e menos robustos, na medida em que lhe é impossível enfrentar uma luta pela existência munidos de chifres ou das poderosas mandíbulas dos animais carnívoros. É no homem que esta arte da dissimulação atinge o seu ponto culminante (NIETZSCHE, 1999 apud MOSÉ, 2012, p.88)

Como dito nos parágrafos anteriores, esse agrupamento impõe a criação de mecanismos que facilitassem o acordo entre si, logo, o diálogo se fez presente, e com ele a linguagem articulada. A partir disso, podemos concluir que, a linguagem é uma das maiores forças acessível ao indivíduo. Logo, considerando uma perspectiva mais ampla, a atribuição da linguagem está além da comunicação, da troca de signos; a linguagem colabora com a expansão humana, com a sua autossuperação.

A busca do sujeito está intimamente ligada a curiosidade de desvendar os mistérios que o cercam, “o que os homens buscam não é conhecer, mas traduzir o desconhecido em conhecido; a se veem cada vez mais reduzidos à linguagem, aos conceitos, às imagens.” (MOSÉ, 2012, p.30) Através da linguagem gradualmente mais estruturada, o indivíduo cria uma complexa rede de comunicação, capaz de desenvolver também, o sistema cognitivo. O sentido da palavra não está aprisionado exclusivamente em descrever, replicar uma cópia ou um som, mas na determinação de um estatuto com domínio próprio; a linguagem comunica consigo mesma e é capaz opera a partir disso, como deixa claro a escritora Viviane Mosé:

“As palavras se libertam do mundo, formam corpos de linguagem, que vão definindo modos de vida, gestos, paisagens. Uma trama de sentidos se forma, uma malha conceitual construída a partir de camadas sobrepostas, uma rede grandiosa, bela e ao mesmo tempo perigosa, como a teia das aranhas.” (MOSÉ, 2012, p. 94)

A diferenciação dos indivíduos com os outros animais está justamente na sua faculdade de orientar as ações para além das situações que estão sujeitos, para além da determinação instintiva. Logo, há a criação de códigos, palavras, conceitos que se

tornam a principal mediadora entre os indivíduos da mesma espécie. Diante disso, identifica-se um sujeito capaz de criar uma cultura e se sobrepor a natureza pelo controle de si próprio, capaz de dominar seus instintos e paixões.

Podemos considerar que o ser humano é o único animal a ter ciência de sua condição enquanto ser-para-a-morte; sabemos que a morte chegará em algum momento para todos, somos os únicos seres capazes de criar incessantemente, interferir, produzir e transforma o seu meio. O pensar humano está propriamente relacionado com o a ação, possui capacidade de configurar o mundo, estabelecer sistemas e assumir posição diante de um semelhante. Pascal argumenta sobre isso como exposto a seguir:

Não é preciso que o universo se arme para esmagá-lo (ao homem): um vapor, uma gota de água, são suficientes para matá-lo. Mas, mesmo o que o universo o esmague, o homem seria ainda mais nobre do que o que mata, porque ele sabe que morre, conhece a vantagem que o universo tem sobre ele; e disso o universo nada sabe. Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. (PASCAL apud MOSÉ, 2012, p.21)

O desenvolvimento na capacidade de pensar modificou o meio em que os indivíduos vivem, mas também foi capaz de modificar a eles mesmos; o corpo foi reflexo de toda essa transformação. Enquanto a mente elabora projeções, o corpo a concretiza. A elaboração de pequenas ferramentas que auxiliavam na procura por alimentos, o aperfeiçoamento de um pedaço de madeira em lança, formam relações conscientes surgidas no meio social. Essas relações de trabalho tiveram consequência direta do modo de vida desses sujeitos, como veremos a seguir.

Uma das grandes modificações que podemos citar é o desenvolvimento do polegar no ser humano. Segundo relembra Engels (2005), o humano havia necessidade de segurar o objeto com os membros superiores e se equilibrar apenas com os membros inferiores, logo, as mãos deveriam exercer função diferente dos pés. Ao transitarem por terrenos inconstantes, esses mamíferos se adaptaram a andar com uma postura mais ereta e não usarem as mãos, tornando-se diferentes entre os outros mamíferos; inicia-se a partir desse ponto, as circunstâncias determinantes da passagem do macaco antropomorfo em homem.

Os mais próximos dos seres humanos são os pongídeos, macacos antropomórficos de grandes dimensões com extremidades anteriores mais longas do que as posteriores, sem calosidades nas nádegas e sem cauda. os homínídeos, caracterizam-se por exibir uma posição erecta, um grande desenvolvimento cerebral, a sua elevada capacidade

cognitiva e por complexas relações sociais. Compreendem uma variedade de espécies fósseis e a espécie humana, distribuída por todo o planeta.(SOLER, 2009, p.26)

É importante considerar que essa transição não foi possível de uma geração a outra, mas foi fruto de uma constante necessidade que alterasse a forma de trabalho para alcançar relações novas com o meio social. O conceito de trabalho mencionado nada se relaciona com o conceito que temos nos dias atuais; o trabalho primitivo desenvolvido pelos nossos antepassados aprimorou o indivíduo moderno, podemos a partir dessa explanação concluir que, o sujeito é uma evidente consequência do trabalho.

Engels relembra que o desenvolvimento do polegar opositor foi recorrência para estabelecer a produção que modificou a natureza externa e interna dos indivíduos. “à mão não é apenas um órgão do trabalho; é também produto dele.” (ENGELS, 2005) Levar em conta a quantidade de milhares de anos que foi necessário para realização dessas transformações, se torna importante para consolidar todo o processo de relações estabelecidas nesse período, desde o princípio com o reconhecimento das mãos livres, que adquiriam cada vez mais habilidade para manusear as ferramentas criadas por eles mesmos, como a primeira rocha sílex sendo manipulada e transformada em outro objeto, como o machado, até então desconhecido; o desenho das primeiras escrituras rupestres nas cavernas feitas pelos nossos antepassados. (SOLER, 2009)

A relação desses mamíferos com a natureza e a sua modificação impulsionou o desenvolvimento da consciência. A partir disso, as relações sociais diversas surgem nas comunidades e grupos espalhados pelo espaço geográfico, logo, esse convívio social e o trabalho primitivo que havia florescido, naquele ambiente ancestral, provoca o crescente aumento da populacional; com o aumento da população, novas relações são necessárias para desempenhar uma comunicação eficiente entre os indivíduos.

Devido as novas relações e o surgimento de novas exigências, o trabalho humano reconheceu essas mudanças e se adaptou, fortificando músculos e ligamentos; através do desenvolvimento de ossos as habilidades se renovaram. A complexidade dessas relações e funções era crescente, e permitiu uma abertura para a consciência cada vez mais aprimorada; o trabalho deixa de ter apenas a função de preservar a sobrevivência dos indivíduos, abandona o trabalho por estímulos e inconsciente, e partir daí se inicia certas divisões no trabalho. (MARX, 2013)

Apenas o trabalho foi capaz de distanciar a animalidade presente no indivíduo, além de provocar o seu próprio desenvolvimento e, a partir da dependência com a natureza, modifica-la. O trabalho realizou mudanças permanentes nos corpos, ele capacitou as mãos, e foi a partir delas, que foi possível desenvolver melhor o trabalho. No momento presente, é possível perceber a importância dessas transformações durante todo o processo histórico, a complexidade com que se desenvolveram, as habilidades de humano criador que propiciou diversas ferramentas, adaptando-se a diferentes épocas que se sucederam, e as novas necessidades de novos homens com novas relações.

A sociedade em questão, está em permanente mudança na medida em que a produção humana transforma também o mundo material, o mundo intelectual, moral e espiritual de acordo com cada momento histórico. Segundo Engels, em *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem* (2005), os economistas afirmam que o trabalho humano é a fonte de toda riqueza, no entanto, para além disso, podemos considerar outros aspectos a respeito do trabalho como fonte de desenvolvimento da linguagem, da razão e da consciência.

O reconhecimento do trabalho humano está muito além do acúmulo de riquezas intensificado; ele é a condição básica e fundamental para existência humana; com excelência, pode-se dizer que ele criou o próprio homem tal como o conhecemos hoje. O aproveitamento da força de trabalho dos indivíduos é o próprio trabalho. A partir disso, conclui-se que para o desenvolvimento da consciência do indivíduo, se faz necessário a produção social dos próprios indivíduos. Vale ressaltar os anos de pesquisas e análises árduas de filósofos e sociólogos a respeito da formação e organização humana, para que assim, consiga entender questões que assombram a modernidade e forma a forma contemporânea de consciência.

Para tanto, o desdobrar desses reflexos históricos devem ser refletidos para pontuar aspectos relevantes, nem sempre positivos, dessa relação complexa que é o sistema de produção capitalista. Como afirmado anteriormente, o trabalho utiliza-se da própria força de trabalho; no sistema capitalista, o indivíduo que detém os meios de produção, ou seja, os meios pelos quais se torna possível a realização do trabalho, como dispor da propriedade privada e provir trabalho assalariado, consome o trabalho de outrem, submetendo o indivíduo que vende sua força de trabalho a executar determinadas funções.

O trabalho moderno, onde Marx denomina o indivíduo de proletariado, transmuta para o que antes era apenas potencialidade, vale-se de um trabalhador, ou seja, dispõe de sua força de trabalho em ação. A produção por subsistência dentro de uma comunidade estabelecida, é substituída na contemporaneidade por um trabalho que se estende a todas as suas potencialidades.

O possuidor dos meios de produção, isto é, o comprador da força de trabalho se sente satisfeito ao prover trabalho para o detentor dela. O indivíduo que negocia a sua força converte ela a força de trabalho ativa, o que anteriormente era apenas um trabalho em potencial. O trabalho transforma em objetificação em forma de mercadorias, essas mercadorias se tornam valores-de-uso; isto é, de modo sistematizado, originada para suprir necessidades de qualquer natureza humana.

Em contrapartida, o trabalho a partir da perspectiva do reconhecimento de sua essência, está associado com toda transformação social da história da humanidade independentemente da localização geográfica que se encontra.

O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeças e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhe forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo que modifica sua própria natureza. (MARX, 2013, p. 211)

Se torna evidente a partir da declaração de Marx acima, que qualquer transformação da natureza humana encontra sua gênese na produção da vida material dos indivíduos. Entretanto, quem fornece a matéria-prima necessária para a produção material humana é a natureza. Para tanto, os indivíduos a confrontam, colocam em jogo todas as suas aptidões e as forças naturais da sua estrutura física; desenvolvem habilidades para manusear os recursos naturais e modifica-los, por meio do trabalho, afim de dar forma e significado a existência humana.

A produção da vida material é ponto chave para diferenciar o animal racional do animal selvagem, pois, é através dessa produção que se concebe o que há de mais extraordinário nos humanos; sua consciência. Em um ininterrupto percurso de desenvolvimento, a consciência, formada no seio do trabalho, atribui sutileza a vida humana aprimorando-a, permitindo-a singulares formas de organização e expansão.

Entretanto, se torna evidente a manipulação do indivíduo sobre a sua atuação nos recursos naturais, transformando-a, conseqüentemente, como visto antes, modifica também, sua própria natureza interna; Marx (2013) afirmava que o desenvolvimento das potencialidades que estavam adormecidas, submete ao seu domínio o jogo das forças naturais.

Ainda no que concerne a venda da força de trabalho em potencial pelo indivíduo no mercado de trabalho, há um longo intervalo de tempo, uma distância histórica gigantesca pensada sobre os aspectos do sujeito contemporâneo e o mamífero primitivo com suas formas instintivas de manter a sobrevivência. Há um momento de ruptura, um despertar do indivíduo quando se organiza através do trabalho coletivo; esse é capaz de afasta-nos da animalidade, da ignorância. O florescer da consciência transmite racionalidade aos sujeitos, impossibilita a estupidez, a ingenuidade de criar forma, nasce-se a consciência humana.

É diante desse contexto, que o trabalho social humano desenvolvido na história da sociedade tenha concebido a consciência humana. É partir do trabalho que é explorado os instintos naturais presentes na corporeidade humana, através das suas transformações, como: os braços, cérebro, mãos, cabeça e pernas. O trabalho é pressuposto único dos seres humanos, visto que, através dele que expande as faculdades humanas, conseqüentemente, articulando com novas formas de produção. Marx deixa isso bem claro ao escrever O Capital, como é exposto a seguir:

Uma aranha executa operação semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transforma-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar ao qual tem de substituir sua vontade. (MARX, 2013, p. 211)

Em virtude do pressuposto acima, Marx especifica a diferença existente no que ele considera como domínio da realidade e o domínio do pensamento, isto é, o conhecimento operado pelo indivíduo. Não há como separar os dois conceitos, estão interligados e são interdependentes, segundo Marx. Primeiramente, a operação parte do real, um dos principais fundamentos do seu método materialista, observação sobre o que é concreto, iniciando por conjecturas reais para pensar o abstrato.

Dando o pontapé inicial pelas estruturas reais, visualiza os dados que formam e modificam a consciência humana, a absorção dos elementos externos sendo abstraídos pelos sujeitos, iniciando um núcleo de conceitos, pensamentos e ideias transcritos pela linguagem. Desta, surge consigo o ímpeto comunicativo personificado em sujeito, que cria novas modalidades de comunicação, novos discursos, e com ela a ampliação do sistema cognitivo humano. Através das palavras do filósofo Nietzsche, contemporâneo a Marx, ressalva a ideia do potencial do indivíduo como podemos analisar a seguir:

Pode-se admirar o homem como um poderoso gênio construtivo, que consegue erigir sobre fundamentos móveis e como que sobre a água corrente uma cúpula conceitual infinitamente complicada: sem dúvida, para encontrar apoio sobre tais fundamentos, tem de ser uma construção como que de fios de aranha, tão tênue a ponto de ser carregadas pelas ondas, tão firme a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento. Como gênio construtivo o homem se eleva, nessa medida, muito acima da abelha: esta constrói com cera, que recolhe da natureza, ele com a matéria muito mais tênue dos conceitos, que antes tem de fabricar a partir de si mesmo. (NIETZSCHE, 1999 apud MOSÉ, 2012, p.93)

Quando o construtor pretende construir uma casa, inicialmente, ele idealiza a casa a ser construída, planeja seu interior, para que só assim, construa; em contrapartida, os outros animais seguem afastados da consciência histórica, que só os humanos possuem para auxiliá-los. Em vista disso, a fundamentação da racionalidade não pode ser resumida ao mero fortuito, toda via, pertence a construção histórica modificada pelos indivíduos por milhares de anos.

A objetivação do trabalho só pode ser realizada diante de determinadas condições que permitem o seu pleno funcionamento, podemos pontuar como necessária: uma atividade que se adequem a uma finalidade, isto é, o trabalho em si; soma-se a isso o uso da matéria-prima aplicada ao trabalho humano, ou seja, o objeto de trabalho; conclui-se os meios de trabalho, de outro modo, os instrumentos bem como as ferramentas de trabalho. Alia-se a esses argumentos, a fundamentação essencial para a existência do trabalho. No contexto primitivo de trabalho encontrava-se esses elementos completos; a atividade do indivíduo, a existência da matéria-prima utilizada para o trabalho, e os meios de trabalho, isto é, os membros superiores e inferiores humanos, e materiais externos.

O trabalho não é desenvolvido sozinho, se faz necessário trabalhadores afins, assim sendo, o valor que tem alguma mercadoria não pode ser avaliado isoladamente, mas deve-se encontrar os seus fabricantes. Esse processo dinâmico permite atribuir valor a mercadoria de acordo o tempo de trabalho que foi socialmente servido a findar a produção. Por conseguinte, o valor atribuído a mercadoria desenvolvida pelo trabalho coletivo humano, também pode-se considerar uma produção do meio social.

Nessa perspectiva, o valor de troca de uma mercadoria por outra, se avalia pelo tempo de fabricação necessário. Assim sendo, a troca entre um tecido e um pedaço de pão pode ser feita levando em consideração a disposição gasta para a fabricação dos dois componentes, se for o mesmo, a troca é justa. Mas, não é apenas pelo dispêndio que avalia o seu valor de troca, caso seja do interesse do comprador, a troca pode ser realizada, sendo trocada novamente de acordo com a necessidade presente.

É importante enfatizar que não há existência apenas da mercadoria como valor de uso, mas também, como valor de troca. O indivíduo, por mais completo que possa parecer, não é capaz de suprir as necessidades apenas pelo seu trabalho individual; a troca de mercadorias satisfaz as carências manifestadas dos indivíduos de acordo com a necessidade do período histórico. Tal fator é defendido por Marx quando escreve: “Só através da troca se pode provar que o trabalho é útil aos outros, que seu produto satisfaz necessidades alheias.” (MARX, 2013, p. 110)

Em face disso, a troca se torna um processo social, mas não é uma atividade recente, possui suas raízes nas fronteiras das comunidades primitivas, através do contato direto com membros de outras comunidades. A constância dessas trocas de mercadoria desenvolve um processo social regular; com a expansão das trocas de mercadorias para fora da área local, forma-se trabalhos distintos do que eram realizados nas comunidades mais privadas. A disponibilidade do valor se altera com essas novas transações, de acordo com a quantidade de força humana que foi necessário para a produção dessas mercadorias. Marx (2013) afirma esse argumento ao considerar que o trabalho é a substância do valor, e que a duração do trabalho é a medida da sua grandeza.

Esses processos sociais e suas relações sociais em que os indivíduos estão inseridos atribuem-se configurações materiais independentes do seu controle e sua consciência individual. A princípio, os indivíduos produzem e, conseqüentemente, ao

produzir, pensaram. No entanto, o raciocínio não foi fruto espontâneo, ele participou de um longo processo de criação, bem como o próprio trabalho.

A finalidade atribuída a terra quando não há manipulação humana é a manifestação da terra em si, o que é por substância; a partir do contato com os indivíduos ela se transforma em matéria-prima. O ser humano possui a habilidade de converter todas as coisas em matéria-prima com a finalidade na produção. Conclui-se que quaisquer matéria-prima se considera objeto de trabalho, mas vale ressaltar que, nem todo objeto de trabalho é matéria-prima; Marx salienta que para objeto se transformar em matéria-prima se faz necessário, primeiramente, a manipulação humana.

Em relação a esse contexto, os itens retirados da natureza para consumo de subsistência dos indivíduos, como os alimentos, a água, não são objetos de trabalho, mas são meios que propiciam os indivíduos a desenvolverem outras formas de trabalho. No entanto, é importante realçar a importância da terra como depósito primitivo de todos os meios de trabalho. Apenas a terra é capaz de fornecer madeira para construir uma estaca, fornecer o carvão para dar início uma das maiores transformações da história da humanidade que foi a Revolução Industrial, a terra é o meio de trabalho, ela fornece matéria-prima para que os indivíduos se servirem de tais meios.

Para que seja possível o manuseio dessas matéria-prima, o indivíduo utiliza-se do próprio meio para criar ferramentas que auxiliam nesse manuseio, a sucessão de ações que representa esse processo, fundamenta todo o desenvolvimento do trabalho elevado da força de trabalho humana, conseqüentemente, aumenta sua exigência e impõe por novos meios de trabalhos aperfeiçoados.

Como dito anteriormente, o trabalho conduz o desenvolvimento da consciência humana, logo, ao trabalhar, o indivíduo concentra-se a um determinado fim. No entanto, a diferença entre as diversas épocas de vivência humana não é o resultado da produção, mas “como” e “com que meios” foi utilizado para desempenhar o trabalho. Podemos afirmar, que a relação humano-trabalho é de interligação, ao mesmo tempo que o indivíduo precisa do trabalho para desenvolver sua consciência, o trabalho também precisa do indivíduo para ganhar representação.

Cabe salientar que cada época histórica abarca uma produção da vida material diferente, por consequência, teceu sujeitos e formas de organização completamente distintas entre si. De início, o sujeito primitivo faz-se uso do trabalho

para seu próprio sustento, e com isso, exerce domínio sobre a natureza e os outros animais. Com as alterações das formas de trabalho, a musculatura dos homens que trabalhavam nas fábricas no período da Revolução Industrial, era outra, havia necessidade de grandeza e força para a produção das mercadorias. Atualmente, o mundo interligado e tecnológico não exige tais características dos trabalhadores, pois o corpo de adaptou as novas formas de trabalho e suas relações; o indivíduo acompanha a complexidade das relações criadas a partir do trabalho, ele se adapta.

O produto originado do trabalho humano, ou seja, a mercadoria, como dito anteriormente, é convertido em valor-de-uso, a matéria-prima manipulada afim de satisfação das carências humanas. O trabalho registra sua marca na objetivação da mercadoria, há a uma concretização do trabalho sobre a matéria-prima, Marx (2013) afirmava que o produto é um tecido que o trabalhador teceu.

Vale ressaltar que o processo de produção não é simples, pelo contrário, é mais complexo do que podemos imaginar. A dinâmica da produção do produto configura na utilização de valores de uso já produzidos antes, que foram produtos de outros processos de trabalho, conseqüentemente, resultou em outro produto com novo valor-de-uso. Ou seja, um valor-de-uso que foi resultado de um trabalho se transfigura para meios de produção para criar outro valor-de-uso.

Dessa forma, nas fábricas são criados instrumentos que possuem valor-de-uso, e esses instrumentos serão usados para criar outros objetos, seja outra ferramenta ou mercadorias; originando assim uma sucessão de valores de uso. A destinação desses produção está na dedicação aos meios de produção e as condições ideais para realizar as técnicas de trabalho. Essa concepção se torna evidente nas palavras do Marx:

Quando um valor-de-uso sai do processo de trabalho como produto, participaram de sua feitura, como meios de produção, outros valores-de-uso, produtos de anteriores processos de trabalho. Valor-de-uso que é produto de um trabalho trona-se, assim, meio de produção de outro. Os produtos destinados a servir de meio de produção não são apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho. (MARX, 2013, p. 215)

Com a evolução do trabalho, novas necessidades surgem, e para garantir o progresso, a exploração é sempre presente, a destruição da natureza e a sua recriação em local conveniente aos interesses da comunidade, todas as transformações no meio de

convivência, dominação da flora e da fauna são responsáveis em formar o sujeito, e com ele, a sua consciência.

Excetuadas as indústrias extrativas, cujo objeto de trabalho é fornecido pela natureza (mineração, caça, pesca etc.; a agricultura se compreende nessa categoria apenas quando desbrava terras virgens), todos os ramos industriais têm por objeto de trabalho a matéria-prima, isto é, um objeto já filtrado pelo trabalho, um produto do próprio trabalho. É o caso da semente na agricultura. Animais e plantas que costumamos considerar produto da natureza são, em sua forma atual, produtos de uma transformação continuada, através de muitas gerações, realizada sob controle do homem e pelo seu trabalho. No tocante aos meios de trabalho, a observação mais superficial descobre, na grande maioria deles, os vestígios do trabalho de épocas passadas. (MARX, 2013, p. 215)

Contudo, ao levar em consideração essa perspectiva, é importante situar a formação inicial do modo de vida material do indivíduo, a partir da exploração da natureza em seu local de vivência. Em razão disso, será possível deduzir, o modo de desenvolvimento daquela comunidade. A organização da vida material vai de acordo com as manipulações feitas na natureza, os meios que foram utilizados, e como os indivíduos executaram o trabalho em região específica. No entanto, se torna evidente que a produção da vida material depende totalmente da ação de vários indivíduos, isto é, uma ação singular não é capaz de criar uma cultura, e conseqüentemente, não cria uma consciência. Podemos concluir, que a maneira como produzem e manifestam a organização do coletivo social fomenta a estruturação da consciência de mundo, a caracterização da cultura, e cria representatividade ao sujeito.

CAPÍTULO 2 – A RELEVÂNCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E SISTEMATIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Como exposto no capítulo anterior, os indivíduos são resumidos às suas produções, a partir delas, a consciência cria vida; mesmo que o trabalho seja inconsciente, como no caso dos homens primatas que utilizavam a sua força para garantir sua subsistência, ocorre a estruturação de uma vida material, e em consequência, uma vida espiritual; ponto decisivo na delimitação do indivíduo com os outros animais, onde os primeiros são seres de ação que constroem e modifica os meios de vidas, enquanto os outros, seguem seus instintos sem poder de ação, sem liberdade. Nesse sentido, a organização social é aspecto fundamental para realização do trabalho, para manter a continuidade da espécie.

Uma grande ironia da realidade atual da nossa sociedade é capacidade de criar fibra ótica, chegar a Lua, desenvolver a clonagem, e não conseguirmos responder perguntas básicas sobre a existência, como: “O que somos? Pra onde vamos? De onde viemos? O que nos tornamos? Como gostaríamos de ser? Quais são as nossas buscas?”. Apesar de todas as conquistas ainda procuramos entender esse complexo devir que é a vida. No entanto, Marx chama a nossa atenção para o modo como estamos procurando essas respostas. Para ele, o ponto de partida para compreensão de muitas questões humanas é a própria realidade presente, uma análise minuciosa a partir dos pressupostos reais.

Tais considerações apontam que a compreensão do que é o ser, só será possível, a partir da análise do que seria o trabalho em si; como o capítulo anterior procurou empenhar-se a apresentar as concepções referentes ao trabalho e suas complexidades. Logo, tem por finalidade, analisar os sujeitos a partir do estudo da sua consciência, como fruto do seu próprio trabalho. Um argumento válido para considerar a hipótese da formação da consciência, a partir dos modos de vida material produzido

através do trabalho, é a observação da linguagem falada em lugares de localização geográfica distintos, independente do grau de desenvolvimento das comunidades, é possível identificar uma oratória e uma escrita completamente diferente entre os dois locais. Argumento convincente, que demonstra a influência nos modos de vida material com a formação da consciência.

Na natureza é possível encontrar produtos prontos para o consumo que se tornam matéria-prima; o limão pode ser manipulado e resultar em um suco para saciar a sede, a uva pode resultar em um vinho, e assim por diante. O principal responsável por essa manipulação é o trabalho humano, que reduz a matéria-prima em valor-de-uso. Ao passarem por esse processo, tais produtos anulam seu caráter de produtos ao servirem aos meios de produção, e conseqüentemente, se resumem a fatores materiais desse sistema. Marx deixa claro esse argumento na passagem do O Capital abaixo:

O fiandeiro vê no fuso apenas o meio de trabalho e, na fibra de linho, apenas a matéria que fia, objeto de trabalho. Por certo, é impossível a fiação sem material para fiar e sem fuso. Pressupõe-se a existência desses produtos para que tenha início a fiação. Mas, dentro desse processo, ninguém se preocupa com o fato de a fibra de linho e o fuso serem produtos de trabalho anterior, do mesmo modo que é indiferente ao processo digestivo que o pão seja produto dos trabalhos anteriores do triticultor, do moleiro, do padeiro, etc. (MARX, 2013, p. 216)

A serventia de um produto é medida de acordo com a utilidade deste, ao passo que não serve para uso se torna inútil. Alia-se a esse fato as peripécias da natureza, como os desgastes dos componentes naturais que integram o produto. O vidro quebra, a madeira envelhece e apodrece, e o ferro enferruja. O trabalho cria representação a esses produtos, os retira da inércia da inutilidade, e oferece sentido a sua existência; através do trabalho vivo exercido pelo indivíduo o valor-de-uso possível se transforma em valor-de-uso efetivo, fundamentado, perceptível. Marx, em O Capital argumenta a respeito disso:

O trabalho, com sua chama, delas se apropria, como se fossem partes do seu organismo, e, de acordo com a finalidade que o move, lhes empresta vida para cumprirem suas funções; elas são consumidas, mas com um propósito que as torna elementos constitutivos de novos valores-de-uso, de novos produtos que podem servir ao consumo individual como meios de subsistência ou a novo processo de trabalho como meios de produto. (MARX, 2013, p. 216-217)

Tais considerações asseguram o argumento que o tempo útil dos produtos é de acordo com seu valor-de-uso enquanto participam do processo de produção, mantendo

contato direto com o trabalho vivo. No passado, a relação entre o indivíduo e a natureza configurava os processos de trabalho, e conseqüentemente, formou o sujeito social tal qual como conhecemos atualmente, no entanto, essa relação comportou alterações nos meios pelos quais exerciam as produções, como o modo de manipulação da natureza, a exploração da terra.

Diante de tal concepção é importante ressaltar, que os meios mudaram, mas o fim último, o seu objetivo final, permanece o mesmo; gerar satisfação as necessidades humanas, e para tanto, permanece em constante progresso. Os humanos possuem a habilidade divina de dar vida ao produto, aplicando-lhe valor-de-uso, através da apropriação dos recursos da natureza, em uma condição de relação natural que associa o indivíduo a natureza, e o trabalho a consciência humana.

Voltando às concepções anteriores do texto, a consciência se desenvolve a partir das transformações nos meios de trabalhos, e na exploração com a natureza e manipulação dos seus elementos. Logo, esse processo não aconteceu com apenas as relações entre os indivíduos, mas também pela percepção do meio de vivência, reflexões a respeito da vida e da morte, e os propósitos que se esperam da existência, foram fundamentais para a evolução da consciência do sujeito moderno através da aprimoração do trabalho.

O antropólogo francês André Leroy-Gourhan, em seu livro *O Gesto e a Palavra*, escreve a seguinte frase “O problema mais pessoal que se pode pôr ao homem é o da natureza da sua inteligência, pois que, em definitivo, ela somente existe pela consciência que cada um tem de existir.” (1999 apud MOSÉ, 2012, p.108) A respeito disso, a pensadora Viviane Mosé relaciona a importância do desenvolvimento da consciência para a evolução humana, como podemos ler abaixo:

É esta consciência que, a partir de um certo momento, vai surgir no desenvolvimento dos paleantropídeos; a inteligência ultrapassa o concreto ou a reflexão do concreto para exprimir sentimentos indeterminados. É este tipo de inteligência, consciente de si e que vai além da sobrevivência, que caracteriza a espécie humana. A consciência da morte, a consciência de si, e a construção de mecanismos que buscam vencer a morte – mitos, ferramentas, religião, ciência – ou que estimulam a vida como a arte vão marcar o processo de humanização deste animal incessante. (2012, p. 22)

Em consonância ao desenvolvimento do trabalho, as comunidades guiavam-se de acordo com os recursos naturais disponíveis e sob influência das condições

climáticas. Em virtude disso, a depender das regiões geográficas, organizavam diferentes modos de produção, e conseqüentemente, alteravam a interpretação do mundo, a formulação da linguagem, e assim também, a consciência. Com o desempenho distinto das forças produtivas, as bases estruturais humanas, se fundamentaram a partir de outras bases materiais, outras formas de consciência, outro estilo de vida.

Um exemplo claro disso são as civilizações orientais, como a cultura egípcia, os povos mesopotâmios, os hebreus, os persas, os fenícios etc.; e as civilizações clássicas, como os gregos e os romanos. Na cultura egípcia, o desenvolvimento estava ligado diretamente a distribuição de águas do rio Nilo, que mantinha a fertilidade da terra, propiciava as construções locais e facilitava o comércio com outras culturas. Possuíam um sistema de hierarquização social, valorizavam bastante a educação, dispunham de um grande valor a estética e as artes, além do desenvolvimento da língua e da escrita.

Sabe-se por outro lado que as civilizações clássicas, como a grega possuíam organizações, valores e modos de produções completamente diferentes da egípcia. Essa cultura se tornou o berço da democracia, pela sua organização política e social voltada para a igualdade de direitos, o surgimento da *polis*, a valorização da palavra, e por consequência, o despertar da filosofia. Viviane Mosé relembra esse período nos trechos a seguir:

O surgimento da *polis*, entre os séculos VIII a VII a.C., constitui, para o pensamento grego, um momento decisivo, e a primeira grande mudança resulta deste valor que a palavra adquire; nas novas relações de poder que se configuram, a palavra é o grande instrumento. Agora não como palavra mágica e revelada, mas como argumentação, discussão, debate. É a função política, diz Vernant, que torna o *logos* consciente de si, permitindo o surgimento da filosofia. A democracia exige oratória, a retórica, a persuasão: para ocupar um lugar na cidade era preciso não somente aprender a falar, mas a convencer. As avaliações, os julgamentos, cada vez mais vão exigir pontos fixos, eixos. Com a criação da cidade, a vida social e a relação entre os homens tomam uma forma nova. (2012, p. 104)

A partir da compreensão que os indivíduos tiveram do seu poder sobre o mundo, começaram a arquitetar novas descobertas que não foram pensadas pelas populações antigas. Com o advento da tecnologia, pontes foram derrubadas, o universo foi explorado, boa parte da superfície da Terra já foi adulterada, edificações magníficas aos olhos já foram construídas; vale ressaltar a importância do desenvolvimento do trabalho para todo esse progresso.

E ainda em relação a esse processo, é importante mencionar as consequências reais no desenvolvimento da consciência através da linguagem, que como já foi explorado, é fruto do trabalho humano. Todo o progresso atual só foi possível de concretizar graças a curiosidade, as explorações e as descobertas das antigas gerações, que de modo consequente, sofreu modificações em todo o processo histórico. A conservação da linguagem trouxe uma memória afetiva da consciência herdada pelos povos antigos, como modo de preservar o meio pelo qual pertencem, sustentando conceitos característicos de cada comunidade.

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternaeveritates* (verdades eternas), o homem adquiriu este orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com palavras o supremo saber sobre as coisas. (NIETZSCHE, 2002 apud MOSÉ, 2012, p. 157)

O trecho acima escrito por Nietzsche, evidencia a atribuição da linguagem a cultura humana, logo, podemos concluir, que a linguagem é consciência. O desenvolvimento intelectual do ser humano vai depender do seu desenvolvimento material, em razão da dependência dos resultados da produção material, para influenciar no modo de vida dos indivíduos, e consequentemente, produzir socialmente a vida humana.

No entanto, é válido evidenciar, que para tanto, uma análise fundamental do sujeito, deve antes de tudo, partir de pressupostos reais, e não literários ou abstratos; já que o objeto de estudo é indivíduos reais, logo exige uma avaliação das conjecturas reais. O diagnóstico deve procurar entender o agrupamento dos indivíduos em comunidade, destacando a característica essencial humana, que a difere do restante dos animais, que é a produção de vida material que fundamenta a consciência e sistematiza a linguagem, permite a esses indivíduos um discernimento a respeito da existência e a noção da morte. A compreensão da determinação da existência desses indivíduos e sua consciência, poderá ser explorada a partir do entendimento do “que” e “como” produzem a própria vida.

A partir da análise do trabalho humano coletivo histórico, torna-se notório, o manuseio do trabalho como uma ferramenta que se apoia na consciência humana já existente, para reorganizar-se e estruturar-se, e por fim, concretizar-se. Pois bem, a consciência remodela-se a partir do aprimoramento da própria consciência, e o indivíduo encontra-se a par de todo o processo; o fim último do trabalho já se encontra pensado e ordenado no imaginário humano, parte daí, a ruptura entre o animal racional e o animal irracional.

Torna-se evidente que a consciência se aperfeiçoa por entre a produção material humana, como a própria análise histórica comprova; logo, vale ressaltar, algumas conjecturas da consciência. Para tanto, recorreremos aos escritos *Ideologia Alemã*(1987) de Engels e Marx para entendermos como a consciência transfigura-se em produto social, que, através de, uma longa jornada histórica de trabalho se desenvolve pelo viés da produção humana.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, como da alheia, procriação, aparece agora como dupla relação: de um lado, como relação natural, de outro como relação social – social no sentido de que se entende por isso a cooperação de vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, o modo e a finalidade. Donde segue que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão constantemente ligados a um determinado modo de cooperação e a uma fase social determinada, e que tal modo de cooperação é, ele próprio, uma “força produtiva”; segue-se igualmente que a soma de forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social e que, por conseguinte, a “história da humanidade” deve sempre ser estudada e elaborada em conexão com a história da indústria e das trocas. (1987, p. 42)

Na passagem acima, Marx aponta condições fundamentais para a organização das relações sociais humanas. De acordo com a sua análise, o desenvolvimento da sociedade é baseado na divergência entre os controladores dos meios de produção, com os detentores da força de trabalho que exercem a efetividade da produção. O filósofo intitula essa relação conflituosa como *luta de classes*, segundo ele, por todo o processo histórico percebe-se a presença da luta de classes. Nesse sentido, mudam-se o modo de organização, embora mantenha suas relações estruturais de dependência nas relações humanas. Em vista disso Marx argumenta:

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou

sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito. (2013, p.40)

Essa análise do processo histórico evidencia a relação de opressão presente nos dias de hoje, e se torna essencial para entendermos as relações do sujeito moderno. Para Marx, o entendimento do que concretiza a vida humana atual está fundamentado nas bases reais da existência. Em vista disso, a reflexão se baseia em indivíduos reais, logo deve partir de pressupostos reais, para que assim chegue a conclusões objetivas.

Após a influência das leituras de Hegel, o filósofo Marx opõe-se as suas concepções, levando em consideração uma visão mais materialista, indo em contraponto com a filosofia de seu antecessor, que considerava a lógica da dialética humana através da posição idealista, pois segundo Hegel, todo racional parte do real, assim como todo real parte do racional (HEGEL, 1974 apud DUTRA, 2013), logo a sua estrutura se baseava na tese, na antítese e na síntese. Como é ressaltado por Dutraao citar Reale:

(...) Karl Marx foi haurir nas fontes lustrais de Hegel, substituindo, na dramaturgia universal, o Espírito da Matéria, sob a inspiração de LudwingFeuerbach, sendo aos poucos a Religião e a Metafísica absorvidas pela política, ou melhor, por uma pretensa ideologia do proletariado. (REALE, 1994 apud DUTRA, 2013, p.35)

Marx distancia-se de Hegel ao definir a democracia como a melhor maneira de governar, negando a monarquia constitucional e opondo-se a ideia de que o Estado, identificado como o “espírito”, que se configura como base primordial da sociedade civil. Segundo Hegel, o Estado é estrutura fundamental para a existência das relações sociais humanas, visto que, essas relações, são criadas a partir da concepção de Estado. (DUTRA, 2013) O Estado engloba toda universalização do conceito de organização social, Hegel evidencia esse argumento na seguinte passagem:

a) O espírito moral objetivo imediato ou natura: a família. Esta substancialidade desvanece-se na perda da sua unidade, na divisão e no ponto de vista relativo; torna-se então: b) Sociedade civil, associação de membros, que são indivíduos independentes, numa universalidade formal, por meio das carências, por meio da constituição jurídica como instrumento de segurança da pessoa e da propriedade e por meio de uma regulamentação exterior (...). Este Estado exterior converge e reúne-se na c) Constituição do Estado, que é o fim e a realidade em ato da substância universal e da vida pública nela consagrada. (HEGEL, 2009 apud DUTRA, 2013, p. 37)

Em contraponto, Marx parte de uma posição materialista; acreditava que a partir das relações sociais se instaura o Estado, e não Estado que criou as relações, como

defendia Hegel. Marx acrescenta a utilidade do Estado como instrumento de dominação pela classe exploradora, que evidencia preferências subjetivas como valor universal. (DUTRA, 2013) A presença do atual Estado burguês reproduz as relações de produção capitalista, para tanto, toda a força de produção humana é direcionada para fortalecer a dinâmica, que é exercida através do acúmulo de capital pela exploração de uma classe sobre outra.

Marx julga necessário recorrer ao materialismo histórico para definir as estruturas sociais. Para tanto, segundo ele, a reflexão não pode partir de ideias para gerar ideias, a remodelação da consciência não pode ser definida a partir de conceitos e imagens, e sim da própria realidade dos indivíduos, no modo como organizam, produzem a vida material de fato, logo, a sua ordenação deve partir dos pressupostos reais que o sujeito está inserido. Como foi exposto adiante por Lukács ao citar Marx:

A dialética materialista é uma dialética revolucionária. Essa determinação é tão importante e de um peso tão decisivo para a compreensão de sua essência, que, antes mesmo de discorrermos sobre o método dialético em si, temos de entendê-la para abordarmos o problema de forma correta. Trata-se aqui da questão da teoria e da prática, e não somente no sentido em que Marx a entendia em sua primeira crítica hegeliana quando dizia que a ‘teoria se torna força material desde que se apodere das massas’. Trata-se, antes, de investigar, tanto da teoria como na maneira como ela penetra nas massas, esses momentos e essas determinações que fazem da teoria, do método dialético, o veículo da revolução; trata-se, por fim, de desenvolver a essência prática da teoria a partir da teoria e da relação que estabelece com seu objeto (2003 apud FAERMANN, 2016, p. 42)

A organização material dos indivíduos cria as contradições que existem e causam interferências reais na vida. As ações coletivas ordenam e classificam a vida material, e com isso, modifica a disposição da consciência, que através do processo histórico, agrega cada vez mais valor ao acúmulo de riquezas para as condições de existência. Nesse sentido, podemos observar os motivos pelos quais geram os colapsos financeiros, que conseqüentemente, levam várias famílias a falência, devido a natureza expansiva e acumuladora do capitalismo, que segue seu ciclo de destruição e reconstrução. Marx, explicita muito bem esse argumento na passagem do seu livro *O Manifesto Comunista*:

A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção; portanto, as relações de produção; e assim, o conjunto das relações sociais. Ao contrário, a manutenção inalterada do antigo modo de produção foi a condição precípua de existência de todas as classes industriais do passado. O revolucionamento permanente da produção,

o abalo contínuo de todas as categorias sociais, a insegurança, a agitação sempiterna distingue a época burguesa de todas as precedentes. (...) Pressionada pela necessidade de mercados sempre mais extensos para seus produtos, a burguesia (...) tem que imiscuir-se em toda a parte, instalar-se em toda a parte, criar relações em toda a parte. (2013, p. 28-29)

A base econômica da sociedade é baseada sobre o conjunto das forças produtivas com as relações sociais de produção, Marx desenvolveu melhor esse conceito a partir da definição de estrutura que se estabeleceu pela conhecida afirmativa “a infraestrutura determina a superestrutura”. Na sociedade capitalista a infraestrutura estaria sustentando a base pelas suas forças de produção, através dos trabalhadores e dos meios de produção. Nessa dinâmica está presente a relações de trabalho entre os trabalhadores e os chefes, e entre eles mesmos; se caracteriza pela exploração constante das forças produtivas para atender as demandas do Capital.

Se apoiando aos pilares da infraestrutura, Marx define a superestrutura como organização dos grupos que dominam os meios de produção, e conseqüentemente, as forças de produção; repercutem a sua estrutura de exploração para manter a sociedade sob o seu domínio. Para tanto, vagueia no uso da força ou no uso da pressão ideológica para se manterem controle, Marx cita o Estado como um dos principais instrumentos de comando da burguesia; sua principal função é manter o *status quo*, através do uso da força que é justificada pelo uso da ideologia. (MARX, 2007)

Vemos que dentro do sistema capitalista a revolução das relações de produção é constante, e não há nenhuma possibilidade dos indivíduos se organizarem de forma autônoma para alcançar à liberdade, caso ainda exista a propriedade privada; é necessário pôr fim a este modo de acumulação de uma classe constituída pela minoria em cima da grande maioria.(MARX, 2013) Isso manifesta o poder da superestrutura na manipulação das relações sociais presentes na infraestrutura, e a dependência existencial da continuidade do trabalho das forças produtivas para manter o padrão de vida capitalista. Diante disso, Marx argumenta:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensadores dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes. (2007, p. 48)

Ao compreendermos como se organiza essa estrutura do trabalho, ou seja, o modo de produção que sintetiza a sociedade; podemos assimilar as disposições com que as relações sociais são formadas, e a partir delas, entendermos as carências fundamentadas como necessidades vitais a manutenção da vida. A reflexão sobre essas relações sociais contribui para deciframos as metamorfoses que a consciência suportou durante a toda vida humana, e partir disso, mudou também, as relações de produção.

O abalo das teorias de Marx a respeito da estruturação da sociedade perpassa os séculos que sucederam, e ainda causa grande interferência no modo de pensar moderno. Como argumentado pelo filósofo, as modificações da consciência, a partir das alterações das bases materiais, propicia constantes transformações que exigem cada vez mais das potencialidades humanas, que são ordenadas para satisfazer as necessidades criadas, visando propiciar a excelência social do sujeito.

Uma compreensão do processo histórico, evidência esse poder de ação do indivíduo como instrumento para alcançarmos uma sociedade mais justa, que privilegia o bem-estar de todos, ao invés de apenas um grupo favorecido. Isto é, uma reflexão das necessidades humanas aponta os níveis civilizatórios de acordo com os produtos historicamente produzidos. O modo como manipulamos nossa natureza externa interfere e modifica completamente nossa natureza interna; a consciência é consequência do trabalho desenvolvido ao longo do período histórico.

Podemos concluir com isso, que a construção da humanidade se baseia no modo como estruturamos o trabalho em sociedade, ou seja, a ação produtiva organiza a vida social e econômica, mas não apenas isso, ela é capaz também, de modificar a razão e a linguagem humana. Evidentemente, sem a ascensão da consciência, a linguagem não se constituiria, logo, a expansão dos signos linguísticos são medidos de acordo com o aproveitamento das potencialidades alcançadas pela expansão da consciência. Ou seja, uma análise da história daquela linguagem irá fornecer informações suficientes para aferir o nível de consciência em que uma sociedade se encontra.

Contudo, considera-se a linguagem um importante instrumento de transferência de costumes e conservação da cultura, pois, a partir das convenções sociais, submetidas ao intermédio da linguagem, há trocas constantes dos modos de vidas e com eles, as necessidades operantes daquele momento. Como evidenciado anteriormente, com novas necessidades surgem novos modos de produção, e

consequentemente, exigindo alteração das forças produtivas resultando na reformulação da natureza interna do indivíduo; sua consciência.

CAPÍTULO 3 – A INFLUÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DA PRÁXIS PARA SUPERAR A LUTA DE CLASSES E EXTINGUIR A ALIENAÇÃO PELA PERSPECTIVA DO VIÉS EDUCACIONAL

Os dois capítulos anteriores evidenciaram a estrutura do conceito de materialismo histórico desenvolvido por Marx, compreendido como método que estuda a economia estabelecida em cada época histórica de acordo com a sua localização, como também, todo o rendimento da geração intelectual, o modo como se relacionavam e organizavam em cada período, e a criação das diferentes linguagens pertencentes as diferentes culturas. O materialismo histórico, fruto das investigações de Marx, propunha apoiar-se em bases sólidas para desenvolver uma teoria sob circunstâncias reais.

Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficiente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o lugar, antes suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio da velha sociedade. E por isso que a humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir. (MARX, 1974, p.130)

De acordo com Marx, as reflexões e os pensamentos dos indivíduos, bem como a organização da comunidade em que viviam, decorrerá das condições materiais de produção. Desse modo, podemos afirmar, que a consciência não determina o ser, mas pelo contrário, é o ser que determina a consciência. Logo, a consciência é fruto de uma construção social estabelecida através dos modos de produção desenvolvidos. A base econômica remodela toda a estrutura da sociedade, bem como a superestrutura, contudo Marx evidencia isso na seguinte passagem:

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação. Estes pressupostos são, pois, verificáveis por via puramente empírica. (MARX; ENGELS, 2007, p. 26-27)

Segundo as considerações de Marx, a consciência do indivíduo está relacionada com a realidade presente, dessa maneira, a produção dos modos de vida dos indivíduos dependerão dos meios que produziram essa realidade. Parte-se do princípio defendido pelo filósofo, que a compreensão da humanidade necessita partir de pressupostos reais, isto é, indivíduos vivos. Esse argumento, ressalva uma crítica aos modelos filosóficos que refletiam sobre o indivíduo como um ser metafísico, desconsiderando a sua realidade atual, como é o caso de Hegel (2005).

Logo, podemos evidenciar que a realidade do indivíduo está intimamente relacionada com a maneira como ele a produz, assim, o crescimento populacional e as novas demandas das relações sociais condicionam as necessidades que surgem desse processo e moldam os desejos, conseqüentemente, os objetivos que almejam. Com isso, o modo de produção condiciona as relações sociais de produção em consoante com o período histórico corrente.

Toda produção intelectual, material, religiosa são atributos representacionais das relações sociais de produção humana de acordo com a realidade vigente, como é evidenciado por Chauí na passagem:

“A sociedade civil se realiza através de um conjunto de instituições sociais encarregadas de permitir a reprodução ou a reposição das relações sociais: família, escola, igrejas, polícia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, Estado, etc.” (2004, p. 29)

A produção material não foi resultado de seres subjetivos, mas do conjunto de indivíduos que dedicaram tempo, força e cognição para realização do trabalho, por isso, o indivíduo histórico foi construído por um coletivo social pertencente a comunidade humana. Em virtude disso, a compreensão do processo de evolução é importante para entendermos as etapas da alienação humana que, com efeito, foi elaborado por Marx, pela conceituação da *práxis* como uma filosofia que parte de

princípios materiais e fundamenta a análise do seu objeto de estudo, o sujeito; como um ser em movimento.

Podemos concluir que a compreensão do sujeito só é feita a partir de uma análise minuciosa da história que contempla suas particularidades que definem a produção material de toda uma geração. Assim, o modo como nossos antepassados condicionam suas escolhas moldaram o sujeito moderno, todos os acertos, os erros, as crises, as conquistas, os fracassos, as criações são consequência do trabalho social. Em decorrência disso, a ideologia também é um fator criado por humanos e não meramente natural, isto é, não depende de escolhas e ações humanas. A ideologia é vista por Marx como produto social humano consequência das interpretações e realizações no âmbito efetivo da existência pela percepção da classe social que está produzindo.

Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens. Os dois aspectos, contudo, são inseparáveis; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão mutuamente. A história da natureza, ou ciência natural, não nos interessa aqui, mas teremos que examinar a história dos homens, pois quase toda ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida desta história ou a uma abstração completa dela. A própria ideologia não é “senão um dos aspectos desta história. (MARX apud CHAUI, 2004, p.14-15)

A elaboração da produção ideológica apontada por Marx, está de acordo com o direcionamento de valores da sociedade em questão, para tanto, ele subdivide-se os ideólogos franceses por uma produção política e jurídica; os ingleses voltados para a economia; e os alemães como filósofos. Como abordado anteriormente, Marx compreende o sujeito como um ser histórico que pode ser analisado a partir dos pressupostos reais da sua existência, para tanto, tece uma crítica a ideologia defendida por aspectos que contrariem sua tese, como é o caso dos alemães Feuerbach, Strauss, Stirner e Bauer que ao criticarem a filosofia de Hegel, não contemplaram todos os aspectos necessários para crítica bem fundamentada, segundo as apontamentos do filósofo. Outra consideração negativa apontada por Marx sobre os alemães ressalva sua teoria de produção material de acordo com a concepção referencial da época e da sociedade, posto isso, os ideólogos alemães consideravam suas produções como

realidade absoluta de todos os povos, universalizando o ponto de vista alemão como referencial teórico único. (CHAUÍ, 2004)

Marx, ao contrário dos outros alemães citados anteriormente, arquiteta a crítica em Hegel sob forte radicalismo, sustentando aspectos relevantes para a compreensão do sujeito histórico. Como apontado por Hegel, a dialética é o motor da história que prover-se através das contradições, entendido por ele como um processo de relação circular, onde cria-se, modifica-se nele mesmo. Logo, ocorre uma ordem de “negação interna”, isto é, quando a realidade é posta em negação, contrariando o próprio fato. Hegel pensa a história como precursora dessas contradições por uma organização racional e coerente, como afirmado por Chauí: “Por isso Hegel afirma que o real é racional e o racional e real” (2004, p. 16)

Com isso, Hegel parte do princípio que o sujeito é o Espírito, sendo também o mesmo objeto da história, logo, sua concepção parte de conjecturas idealistas. Mas acerta, pelo ponto de vista de Marx, ao considerar a realidade como história, e por isso, está passível de reflexões, logo, poderá, a partir da compreensão dos fatos, manipular sua realidade atual. Aí está o ponto de conflito entre a teoria idealista de Hegel com as visões de transformação do real de Marx. Pois, este estrutura sua filosofia a partir de pressupostos materialistas, isto é, considerando as ciências naturais pela relação de causa e efeito que constitui a ‘matéria social’, está entendida como todo o processo de relações sociais de produção que configura a existência do sujeito. Em contrapartida, Marx afirma que o agente histórico não é o Espírito, como foi defendido por Hegel, mas as contradições postas na própria sociedade, que ele considerou como a luta das classes sociais.

Na *Contribuição à Crítica da Economia Política* e *n'O Capital*, Marx afirma que o método histórico-dialético deve partir do que é mais abstrato ou mais simples ou mais imediato (o que se oferece à observação), percorrer o processo contraditório de sua constituição real e atingir o concreto como um sistema de mediações e de relações cada vez mais complexas e que nunca estão dadas à observação. Trata-se sempre de começar pelo aparecer social e chegar, pelas mediações reais, ao ser social. Trata-se também de mostrar como o ser do social determina o modo como este aparece aos homens. Assim, por exemplo, a mercadoria será considerada a forma mais simples e mais abstrata do modo de produção capitalista, o qual aparece imediatamente para nós como uma imensa produção, acumulação, distribuição e consumo de mercadorias.(CHAUÍ, 2004, p.19)

Como apresentado pela citação acima, a mercadoria surge como manifestação concreta desse processo histórico-dialético forjado pelo trabalho dos indivíduos; com isso, seu surgimento veio junto com a criação do capital, conseqüentemente, do capitalismo burguês. Pois, é pela relação dos indivíduos com a mercadoria que expressa a manifestação do capital. Logo,

“A circulação das mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e o comércio, forma desenvolvida da circulação de mercadorias, constituem as condições históricas que dão origem ao capital. O comércio e o mercado mundiais inauguram no século XVI a moderna história do capital”. (MARX, 1890, p. 165 apud BATISTA, 2017)

Retornaremos então, a concepção de valor de uso exposta no capítulo 1 deste trabalho para refletirmos sobre o conceito de mercadoria em Marx. Quando o objeto não possui nenhum valor de uso, isto é, onde há trocas igualitárias e que não geram lucros, ocorre a permuta; é o valor de troca, porém, quando agregado valor de uso ao objeto o intermédio é o dinheiro, criado pela necessidade de mediação entre as mercadorias e os indivíduos. Marx chama atenção para a contradição posta pela valorização do dinheiro, já que mesmo possuindo existência física, essencialmente, não possui forma. Isso se torna evidente nos escritos de Batista, ao citar Paulani, na sua concepção sobre do dinheiro em Marx:

(...) tem e não tem de ser mercadoria: não pode sê-lo essencialmente; tem de sê-lo aparentemente. As três determinações que constituem o dinheiro como esse objeto contraditório (ser medida do valor, ser meio de troca e ser simultaneamente dinheiro de crédito e objeto de entesouramento) não se alteram em nada, afirma Marx, quando o dinheiro se coloca como dinheiro mundial, pois esta não é uma nova determinação do dinheiro, mas um de seus usos como dinheiro. (2000, p. 106 apud 2017)

Desse modo, toda a esfera física e material das relações sociais são condicionadas ao uso do dinheiro, ou seja, o sujeito vende o que pode oferecer em troca de uma certa quantidade monetária; e esta será usada para adquirir mercadorias que foram produzidas por outros indivíduos que venderam também o que poderiam oferecer; Marx conceituou como força de trabalho o que o indivíduo oferecia como a venda do serviço prestado e que em troca recebia um valor determinado. Logo, esse processo transforma a força de trabalho vendida para o capitalista em mercadoria, e

consequentemente, aliena o serviço prestado pelo sujeito a subordinação dos seus interesses. (2013)

A partir de uma reflexão histórica percebemos as relações sociais antes da instauração do capitalismo como uma troca entre mercadorias, após o surgimento do capital há a inserção do dinheiro nessa relação social onde o indivíduo vende sua força de trabalho e, consequentemente, aliena o seu tempo através da perda da liberdade. O capitalista, que visa o crescente aumento da sua produção, explora o serviço prestado pelos indivíduos, pois o valor que é oferecido ao prestador é referente a sua subsistência e para sua reprodução. O proletariado vende sua força de trabalho considerada ouro em potencial e aliena seu tempo e serviço, “a Mercadoria = força de trabalho realiza-se em D = Ouro”. BATISTA, 2017 p.26)

Para funcionar como dinheiro, o ouro tem naturalmente de, num ponto qualquer, entrar no mercado de mercadorias. Este ponto situa-se na sua fonte de produção, onde o ouro, como produto imediato de trabalho, se troca por outro produto de trabalho do mesmo valor. Mas, a partir desse momento, ele representa constantemente preços de mercadorias realizados. Abstraindo da troca do ouro por mercadoria na sua fonte de produção, o ouro, na mão de cada possuidor de mercadorias, é a figura desapossada da sua mercadoria alienada, produto da venda ou da primeira metamorfose da mercadoria, M — D. (MARX, 1890, p. 185 apud BATISTA, 2017, p. 26)

O valor arrecadado pelo capitalista é dividido entre os salários dos prestadores de serviço e o acúmulo do restante gerando o lucro, esse lucro Marx chamará de Mais-Valia, ou seja, é a exploração da força de trabalho humana. A quantidade de tempo empreendido e o serviço prestado no sistema capitalista extrapola o valor determinado para a prestação do serviço, logo, o lucro que o capitalista ganha com o trabalho excessivo do proletário dá forças para a continuidade do sistema, como é explicitado por Chauí:

Ora, sabemos que o produtor da mercadoria recebe um salário, que é o preço de seu tempo de trabalho, pois este também é uma mercadoria. Suponhamos, então, que, para fabricar um metro de linho e para extrair um quilo de ferro, os trabalhadores precisem de 8 horas de trabalho. Suponhamos que o preço desses produtos no mercado seja de \$16,00. Diremos, então, que cada hora de trabalho equivale a \$2,00. Porém, quando vamos verificar qual é o salário desses trabalhadores, descobrimos que não recebem \$16,00, mas sim \$8,00. Há, portanto, 4 horas de trabalho que não foram pagas, apesar de estarem incluídas no preço final da mercadoria. Essas 4 horas de trabalho não pago

constituem a mais-valia, o lucro do proprietário da mina de ferro ou do proprietário da fábrica de linho. Formam seu capital. A origem do capital, portanto, é o trabalho não pago. Graças à mais-valia, a mercadoria não é um valor de uso e um valor de troca qualquer, mas um valor capitalista.(2004, p.20)

No entanto, não é apenas a força de trabalho dos indivíduos que o capitalismo explora, a natureza é o principal alvo da força destrutiva do capital. Como vimos anteriormente, a natureza está intrinsecamente relacionada com o ser humano, toda sua relação com o mundo se dá a partir da manipulação da natureza, porém uma das formas que o capitalismo encontrou de se manter em evidência é pela exploração constante do recursos naturais, para que assim, possa continuar a criar mercadorias que geram lucros em um eterno ciclo vicioso que mantém a sua permanência.

Podemos agregar de fato essa concepção de Marx aos dias atuais ao refletirmos sobre os efeitos catastróficos gerados pela nossa exploração aos recursos naturais usados para alimentar o capitalismo, a compreensão da crise ecológica só é possível através do entendimento da crítica de Marx ao capital. Considerando a tese anterior de que para o capitalismo expandir precisa, conseqüentemente, explorar mais recursos naturais, Marx volta-se para a teoria “*Raubbau*” ou o sistema de roubo de Liebig, que trata sobre o uso descontrolado dos recursos naturais pelos humanos e o desleixo em retornar com essas riquezas naturais, instaurando uma relação parasita entre o homem e a natureza, onde o capitalista rouba os recursos e em troca polui o meio ambiente o degradando progressivamente sem perspectiva de retorno. (FOSTER, 2012) Foster utiliza-se do trecho da *Teoria Econômica Marxista* de Mandel para apontar evidências dessa exploração da natureza pelo homem:

Cientistas sérios, notadamente o alemão Liebig, chamaram a atenção para um fenômeno realmente perturbador, a crescente exaustão do solo, o *Raubbau*, resultante dos gananciosos métodos capitalistas de exploração que visam os maiores lucros no menor tempo. Enquanto sociedades agrícolas como China, Japão, o Egito antigo, etc, tinham o conhecimento de um modo racional de avançar com uma agricultura que conservou e aumentou a fertilidade do solo durante milhares de anos, o *Raubbau* capitalista foi capaz, em certas partes do mundo, de exaurir a camada fértil do solo...em meio século (1968 apud 2012).

Todavia, a produção de bens na esfera capitalista não contribui para a condução de uma vida plena, mas, ao contrário, o sistema capitalista aliena todas as formas de relações sociais e converte seus valores para atender as suas demandas.

Ocorre, inerentemente, ao avanço do capitalismo um reducionismo da existência humana para fins produtivos que satisfazem as necessidades do capital em busca de mais exploração que produza mais lucratividade.

A alienação exposta por Marx, referencia uma inversão dos valores, “O trabalho alienado é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho”(CHAUÍ, 2004, p. 22), isto é, o proletário deixa de se reconhecer como produtor e criador para reduzir sua existência a mera mercadoria capitalista que oferece força de trabalho para a produção de bens de consumo, em vista disso, esses bens carregam um valor vital em relação ao indivíduo, e não apenas como auxiliares da vida. Logo, a influência que a mercadoria tem sobre as vidas humanas afetam a realidade social destas e o modo de se relacionarem com os outros e, conseqüentemente, moldam nossa consciência histórica.

Para começar, essa curiosa inversão entre sujeitos humanos e suas condições de existência é agora inerente à própria realidade social. Não é simplesmente uma questão da percepção distorcida dos seres humanos, que invertem o mundo real em sua consciência e, assim, imaginam que as mercadorias controlam suas vidas. Marx não está afirmando que sob o capitalismo as mercadorias parecem exercer um domínio tirânico sobre as 213 relações sociais; está argumentando que elas efetivamente o fazem. (EAGLETON, 1997, p. 83)

No seu livro *O Capital*, Marx explora mais esse sistema de produção capitalista definindo o *fetichismo da mercadoria*, tal concepção agrega utilidade ao uso e a troca da mercadoria na vida humana, pois, está, é uma realidade social, foi produzida de acordo com as necessidades criadas dentro do sistema, por isso, não possui valor essencial para a vida, a não ser aquele que lhe foi agregado. Porém, as relações sociais escondem essa complexidade intrínseca a mercadoria, e lhe promove como parte de um consumo trivial, porém indispensável para o bem-estar moldado no seio da sociedade capitalista.

A atribuição de fetiche na mercadoria feita por Marx, evidencia o poder da alienação religiosa sobre os indivíduos, para tanto, ele retorna a Feuerbach, e defende a criação de um Ser pelos indivíduos, que seja capaz de dominá-los, mas sem eles reconhecerem isso. A alienação religiosa segundo Marx, é consequência da maior dominação humana que é a do trabalho, já este, é produzido por todos os indivíduos na sociedade, mas não é admitido por eles, assim sendo, o trabalho não é considerado

como produto do sujeito que o produziu, mas sim, das circunstâncias que o capitalista o engloba. (CHAUÍ, 2004)

Entretanto, a reflexão acerca da aceitação dessa dominação pelos sujeitos, mesmo tendo consciência dessa alienação, é o cerne da edificação do presente trabalho; é difícil consentir com a passividade dos indivíduos, mesmo sabendo da sua importância essencial para o sustento da estrutura capitalista, ainda não provocou a subversão que elevaria a classe dominada sobre a classe dominante. Para tanto, um parecer sobre as limitações intelectuais dos proletariados desobscurecerá o véu de Maya que esconde as possibilidades de reformas que poderiam ocorrer caso a classe operária fizesse pleno uso das suas faculdades intelectuais sem as privações cometidas pela sociedade capitalista.

O desenvolvimento intelectual de classe é a consequência direta da situação econômica do operário, e esta é das mais complexas, porque evolui nas contradições, nos altos e baixos dos ciclos de crise e de prosperidade, com fases revolucionárias ou contra-revolucionárias. O marxismo afirma, todavia que «a grande indústria faz amadurecer as contradições e antagonismos da forma capitalista do processo de produção, ou seja, ao mesmo tempo em que os elementos, de formação e de consciência, os elementos subversivos da velha sociedade (DANGEVILLE. p.34. 1978 Apud SILVA. 2005. p. 107)

A reflexão de Dangeville a respeito da “sociedade da mercadoria” reconhece a situação econômica como fator relevante para determinar as limitações cognitivas da classe operária. A educação confeccionada dentro sistema capitalista parte de princípios do utilitário voltado para prática, e em contrapartida, desconsidera a sensibilidade, a subjetividade de cada sujeito. A educação burguesa instrui para atender as necessidades da linha de produção, atende as demandas do trabalho produtivo, por essa razão, fatores monetários são essenciais para oportunizar as capacidades para o aprimoramento cognitivo.

No entanto, habilidades de pensar e criticar são mais restritos a classe intelectual burguesa que, conseqüentemente, obtém o domínio das atividades materiais e intelectuais, através de uma administração mais restritiva por via de uma visibilidade autoritária e soberana e que procura preservar as tradições. (SILVA, 2005) Embora, a “(...) ideologia burguesa afirma que a educação é um direito de todos os homens”, ocorre contradições quando comparado a realidade da sociedade, onde o abismo entre educação realidade aumenta mais ao evidenciar que o proletariado não desfrutar dos benefícios de sua produção, “Porque estes se encontram excluídos do direito de usufruir

os bens que produzem, estão excluídos da educação, que é um desses bens.”(CHAUÍ, 2004, p.26)

Muitos rapazes que freqüentaram a escola durante as 150 horas prescritas, encontram-se exactamente no mesmo estado, ao cabo de 6 meses da sua estadia na fábrica, do que no ponto de partida; esqueceram naturalmente tudo o que tinham aprendido antes. Noutras empresas de estampagem sobre algodão, a freqüência da escola depende totalmente das exigências do trabalho na empresa. O número de horas obrigatórias é aí satisfeito em cada período de 6 meses por prestações de 3 a 4 horas de cada vez, disseminadas por todo o semestre. A criança, por exemplo, vai à escola um dia das 8 às 11 da manhã, outro dia da 1 às 4 da tarde, depois durante toda uma série de dias para aí voltar em seguida das 3 às 6 horas da tarde durante 3 ou 4 dias seguidos ou durante uma semana. Desaparece de novo três semanas ou um mês, depois volta durante algumas horas em certos dias de folga, quando por acaso o patrão não precisa dela. A criança passa assim da escola para a fábrica e da fábrica para a escola, até que se atinja o total das 150 horas (MARX, 2002, p. 68 apud SILVA, 2005).

A vida do indivíduo está fundida na sua relação com o trabalho, e esta caracteriza como um *meio* para a existência do sujeito, isto é, “o sujeito se torna objeto de seus próprios produtos”, conclui-se daí que “o capital é o ego alienado do homem”, com isso, a venda da força de trabalho humana oferece a satisfação de necessidades que nem são dos próprios indivíduos que a produziram, ou seja, o esforço humano ali aplicado está meramente à serviço da satisfação das necessidades de outrem. (SILVA, 2005, p. 108)

A dicotomia entre a teoria e a prática na concepção de Marx apresenta grande impacto como uma crítica revolucionária que, procura atrelar a teoria com entendimento do processo real e histórico que, fundamenta as ações humanas e o discernimento da dialética das lutas de classes para identificar aspectos que sustentam a dominação, e com isso, viabilizar meios que orientem para a liberdade humana, ao invés apenas conscientizar-se sobre alienação, sem nenhum potencial de transformação, apresentando apenas sua ideologia.

Chauí afirma que a relação entre a teoria, entendida fora do contexto ideológico, e a prática possuem potencialidades por sua capacidade dialética, já que, o entendimento da prática não é apresentado como “comportamento e ação de dados”, mas sim, de “processos históricos determinados pela ação dos homens que, depois,

passam a determinar suas ações.” Como consequência, a prática incorpora o aprendizado teórico que instaura fora do arquétipo de “um saber separado e autônomo” para se relacionar com “movimento de ideias” produzidos em constante com as ações humanas.(CHAUI, 2004. p. 32)

Consideramos então, o indivíduo como sujeito histórico, logo, como exposto anteriormente, a sua essência se molda de acordo com o modo que organiza sua vida material. Por isso, Marx afirmava com tanta veemência que, qualquer transformação do real deverá partir de pressupostos concretos, a estrutura mental do indivíduo só se modifica caso haja uma mudança nas formas de produção. Não é possível chegar a uma compreensão da existência se não abordar diretamente a *práxis*, as ações humanas são o ponto chave para a transformação da sociedade; a revolução, segundo Marx, não pode pertencer apenas a esfera crítica do pensamento, já que, a vida existe no campo material, logo sua análise deverá partir de conjecturas reais.

É evidente que o trabalho de apenas um sujeito em toda a história não é suficiente para moldar a estrutura humana, mas o trabalho coletivo de vários indivíduos históricos molda a consciência e transformam a sociedade tal qual como conhecemos hoje. Toda a história humana conhecida são as memórias do processo de vida real, e isso explica o modo como chegamos à compreensão do universo nos tempos atuais, e como encaramos as contradições existentes. Por esse motivo, a análise do processo dialético atrelado com uma teoria revolucionária e com a prática pode provocar uma revolução nos modos de produção e causar um contraste em relação as oposições de classes que conhecemos hoje.

Segundo Marx, a classe explorada deve conscientizar-se sobre sua realidade e a sua importância dentro da base econômica para reivindicar por “cada um de acordo com suas capacidades e receber segundo as suas necessidades” (MARX, 2013), para tanto, se faz necessário o abandono do fim-último do capitalismo, isto é, o lucro; e considerar aspectos que motivem a sua “ativação” através do aperfeiçoamento dos sentidos, “sendo aí a livre expansão de cada um a condição do livre desenvolvimento de todos” (MARX, 2013). A escola iluminista é deixada de lado e junto com ela, o método alienante que a provém para oportunizar conhecimentos em outras áreas que contribuem para o progresso cognitivo, como as artes e a ciência.

O reconhecimento da sua atribuição para a sociedade, através da sua revolução, levará a classe operária a extinguir esse ciclo de exploração, e promover o pleno desfrute de suas produções em uma relação coletiva entre os indivíduos e que, abandone a divisão social de classes em prol do desenvolvimento do ser humano. Todos os indivíduos “poderá então desenvolver-se à escala da sociedade inteira e será um *homem social*.” (DANGEVILLE, 2011, p. 129)

Contudo, quando refletirmos, no tempo presente, sobre os motivos da nossa realidade é essa e não outra, devemos considerar o modo como o mundo é, e não o modo como queríamos que ele fosse, só assim, segundo Marx, conseguiríamos provocar alterações na nossa realidade. A análise histórica afirmará esses pressupostos através do entendimento da formação da consciência através das relações de trabalho, e o modo como se desenvolveu a linguagem em diferentes lugares do planeta. O contexto histórico apresenta evidências do poder de transformação do homem pelos modos como ele se relaciona com os meios materiais e o modo como ele manipula a natureza. Marx não só ilumina a compreensão do passado histórico crítico, mas, também, oferece vias para alcançar o bem-estar social, sem o uso da exploração, através do aperfeiçoamento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Marx e Engels ficaram conhecidas por todo o mundo como “marxismo”, e procuravam evidenciar que a expansão das sociedades engendradas pelo homem, acompanhou a luta permanente entre aqueles que retinham os meios de produção, e aqueles que vendiam sua força de trabalho em troca de subsistência. Essa dialética histórica foi nomeada por Marx como “luta de classes”, e mostra todo o predomínio de uma classe dominadora sobre uma classe dominada. De acordo com Marx, a história da humanidade até os dias atuais, é estabelecida pelo confronto entre as classes, por vezes explícito, outras vezes contido, mas continuamente sem cessar o embate, como ele afirma abaixo:

A história de toda a sociedade até nossos dias é a história de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em oposição; empenhados numa luta que a cada etapa produziu a transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto.(MARX & ENGELS. 2013. p. 23-24)

Marx sustentava a ideia que esse paradoxo histórico só cessaria no instante que os operários formassem uma “consciência de classe”, e guiassem para o encerramento do presente sistema capitalista desumano, que o indivíduo se submetia em troca de um modesto salário. Em sua obra *Manifesto do Partido Comunista* de 1848 expressou essa argumentação, que mesmo tendo escrito há mais de 150 anos conserva ideias bem atuais, que nos inspira a pensar na nossa relação com a manipulação da estrutura recente do capitalismo e ajudou a elaborar o presente trabalho junto com outros clássicos do filósofo.

Marx e Engels propuseram-se analisar e refletir a respeito das questões sociais que mediam a relação dos indivíduos com o meio social, a procura de soluções consideráveis para os conflitos. A reflexão a respeito da consciência e como ela se apresenta historicamente representa o foco principal deste projeto, salientando a compreensão da linguagem e o poder distorcido da alienação vinculado a educação que retarda a ação revolucionária que procura dar fim a divisão de classes. Para entendermos a origem da vida humana, buscar a sua constituição, devemos partir sempre de pressupostos reais, como foi exposto no trabalho segundo os preceitos de Marx. Que evidenciará, também, o processo onde o indivíduo produz sua vida através do trabalho que é desenvolvido no decorrer do tempo.

Com a luta de classes incessante existente até o mundo atual, com um grupo de indivíduos dominando sempre o outro ou outros e com o desenvolver inquietante dos meios de produção na sociedade, novos sujeitos em seu seio são formados, novos sujeitos com relações distintas daquelas que existiram há séculos atrás se estabelecem e, assim, novas consciências se formam. Em várias épocas históricas e remotas no tempo, verificamos que sempre houve uma consciência distinta das outras épocas. Julga-se que isso só foi possível graças a uma estruturação da sociedade em classes, uma mudança das posições sociais que ali existiam. Usamos esse argumento para apontar as reestruturações das consciências no decorrer do tempo, e como isso pode ser usado para alcançar o ideal comunista, que defende “de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”.

A partir do momento em que os homens começaram a modificar sua natureza através do curso da produção da vida material, novas relações se fizeram, novas necessidades foram criadas e classes começaram a se consolidar. Desde que o

sujeito começou a compreender o mundo em que vive, ele começou a prepara-lo para novas descobertas. Para aprofundar a reflexão em relação ao indivíduo, inicialmente estaremos considerando-o como um ser que existe no seio de uma sociedade alicerçada por diversos outros indivíduos, que os possibilitam de expandir materialmente. A maneira como produzem, e o que produzem fazem parte da vida material dos indivíduos de uma época determinada. Esses aspectos foram explorados no decorrer do texto.

Como também, a concepção de que o indivíduo consegue se desenvolver intelectualmente, quando a princípio, consegue evoluir também, materialmente. Em razão do mundo material que define determinado período, este tem interferência direta no pensamento do indivíduo que está sendo arquitetado para incorporar a sociedade em que vive. O indivíduo só tem consciência de si desde que ele produza socialmente sua própria vida. Os pressupostos de que devemos proceder deverão partir permanentemente das conjecturas existente, afinal enfrentamos indivíduos reais e não seres abstratos. Pelo agrupamento dos indivíduos em uma dada sociedade, foi possível o aparecimento da principal característica que é encontrada exclusivamente nos indivíduos, e os delimitam e classificam dos outros animais. Sendo consagrado como peculiar do indivíduo, só foi possível a sua aparição dada à consciência.

Contudo, por intermédio da consciência a compressão do mundo se faz possível de acordo com o grau atribuído, para que seja possível transmiti-la para outrem através da linguagem. Mas o que os determina e à sua consciência, é que produzem a própria vida. Por isso, Marx e Engels pensaram e se debruçaram sobre como se organiza o indivíduo e como eles estão determinados nas sociedades atuais. Logo, estudar ambos permite uma compreensão mais verdadeira da nossa realidade, ações de mudanças são baseadas em análises da própria realidade, a compreensão do processo de despertar consciente dos indivíduos se forma a partir da sociedade ativa, e é nela que deve permanecer o foco de estudos.

REFERÊNCIAS:

- BATISTA, C. Artigo *Alienação e Emancipação na teoria de Karl Marx*. Rio de Janeiro. 2017.
- CHAUÍ, M. *O que é Ideologia?* Revisor: José E. Andrade. Data digitalização: 2004. Publicação original: 1980.
- DANGEVILLE, R. Artigo *Marx e Engels: Crítica da Educação e do Ensino*. Revista *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*. Londrina, v. 3, n. 2. p. 109-134. 2011.
- DUTRA, E. Artigo *Crítica de Marx à teoria hegeliana do estado: uma leitura da obra crítica à filosofia do direito de Hegel*. UNESP, 2013.
- ENGELS, F. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 1876. Ed. RidendoCastigat Mores, 1999. Edição eBookLibris, 2005.
- ENGELS, F.; MARX, Karl. *Obras Escolhidas*. São Paulo. Vitória, 1961.
- EAGLETON, T. *Ideologia: Uma Introdução*. trad. Luis Carlos Borges e Suzana Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.
- FAERMANN, L. Artigo *Teoria social de Marx*. Serv. Soc. Rev. Londrina, 2016.
- FOLADORI, G. *O Metabolismo com a natureza*. Crítica Marxista, UNICAMP, 2001. Acesso em: março/2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo7505folad.pdf
- FOSTER, J. Artigo *A ecologia da economia política marxista*. Lutas Sociais. N. 28. São Paulo, 2012.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. *Para a crítica da economia política e outros escritos*. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores)
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Tradução Sueli Tomazini Barros Cassar. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- MOSÉ, V. *O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- SILVA, J. Artigo *Educação e Alienação em Marx: Contribuições Teóricometodológicas para pensar a história da Educação*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.19. p.101 – 110. 2005
- SOLER, M. *A evolução de Darwin*. 1000 perguntas, 1000 respostas: Especial evolução. Tradução Marta Lopez, USP, 2009. Acesso em: fevereiro/2020. Disponível em: http://www.esalq.usp.br/lepse/imgs/conteudo_thumb/A-Evolu--o-de-Darwin.pdf